



Relato de Campo

Grêmio Recreativo Jardim das Palmas

Data: 15/11/2012

Entrevistados (nome/função): Olival Bueno (mais conhecido como “Tio Jacu”), aposentado, membro do time e do CDC Cleuza Bueno; Jorge Antônio, aposentado, fundador do Grêmio Recreativo Jardim das Palmas e do CDC Cleuza Bueno; Joilson Silva de Miranda “Joe”, assistente administrativo, atual presidente do time e do conselho fiscal do CDC

Pesquisadora: Karina Alves

Redatora: Karina Alves

Revisores: Giancarlo Machado e Nahema N. Falleiros

Resumo

O Grêmio Recreativo Jardim das Palmas foi criado em 1966 por três rapazes que queriam formar um time de futebol para “brincar de bola”. A equipe foi batizada com o nome do bairro onde seus mentores moravam, o Jardim das Palmas, na região do Campo Limpo. A agremiação também responsável pela criação de seu campo de futebol, o qual posteriormente passou a fazer parte do Clube da Comunidade (CDC) Cleuza Bueno, equipamento público municipal. O time Jardim das Palmas possui uma torcida organizada (chamada Comando) e uma sede no bairro Jardim das Palmas, onde os torcedores e integrantes da equipe se reúnem e onde são realizados alguns trabalhos sociais.

Uma das pesquisadoras do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) entrevistou Joilson Silva de Miranda, mais conhecido como Joe, presidente do time Jardim das Palmas e integrante do CDC Cleuza Bueno. Além dele, Jorge Antônio (fundador do time e do campo) e Olival Bueno, cujo apelido é Tio Jacu, (antigo participante da construção do campo) foram outros interlocutores entrevistados.

A entrevista aconteceu em 15 de novembro de 2012 nas dependências do CDC Cleuza Bueno. No local foi possível conhecer e registrar a história da agremiação em questão. A trajetória do Grêmio Recreativo Jardim das Palmas revela importantes detalhes da várzea paulistana das décadas de 1960 e 1970, e demonstra o cotidiano e a sobrevivência dos times fundados na Zona Sul de São Paulo.

Relato

Jorge, Quinho e Cidão fundaram o Grêmio Recreativo Jardim das Palmas em 5 de fevereiro de 1966. Eles faziam parte de um grupo de jovens que queria montar um time para jogar futebol. Segundo Jorge, após conseguirem algumas camisas emprestadas, ele e seus amigos foram à Rua 25 de Março para comprar meias que serviriam para a prática esportiva. De lá para cá o time cresceu e continua crescendo “de vento em popa”, conforme a expressão usada por um dos interlocutores.

O Jardim das Palmas participou e conquistou muitos campeonatos ao longo de mais de cinquenta anos de existência. Contudo, a história da agremiação revela algumas dificuldades de manutenção da equipe. Prova disso é que nos primórdios de sua fundação, os jogadores pegavam emprestado o uniforme do time Esporte Clube Butantã através de Adilson, com quem tinham uma boa união. Somente após a realização de um festival no campo do Santa Cruz (que também fora emprestado ao Jardim das Palmas), que o time conseguiu arrecadar dinheiro para comprar o seu primeiro uniforme.

Alguns integrantes do time queriam que a cor do uniforme fosse verde. Entretanto, para retribuir o empréstimo de Adilson, optou-se pela cor preta e branca, a qual representa a agremiação até hoje. Jorge explicou que seria uma traição ou uma ingratidão a compra de uma uniforme que não tivesse as cores da primeira camisa utilizada pelo Jardim das Palmas.

Após a compra do uniforme, o time logo providenciou a documentação para efetuar o seu registro na Secretaria de Esportes, atual Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME). Há alguns anos, após ser registrada, a agremiação teve a oportunidade de adquirir um terreno. Com isso, em 1968 entrou com um pedido de construção de um campo de futebol.

Antes de conquistar seu espaço próprio para a prática do futebol, o Jardim das Palmas jogava apenas como convidado em campos de outros times. O principal transporte utilizado pela equipe era um caminhão basculante, todavia, qualquer outra forma possível (bicicleta, carro, transporte público, etc.) também era válida. Ainda em 1968, os jogos do time eram marcados por meio da Liga Grande São Paulo. Foram trinta anos de associação com tal liga, que cobrava aproximadamente treze cruzeiros de taxa.

O início da história do Jardim das Palmas coincide com a ditadura militar. Contudo, os mais velhos do time confessaram que isso não os atingiu, embora a polícia vistoriasse as movimentações no futebol de várzea em busca de eventuais “subversivos”.

Em meados da década de 1960, o terreno que corresponde ao atual campo de futebol do time era uma lagoa muito funda, onde ocorriam várias mortes por afogamento. Foi Jorge quem teve a ideia de transformar aquele local em um campo. A maior parte de seus amigos duvidou dessa iniciativa, pois não imaginava que uma lagoa pudesse se tornar um espaço para a prática do futebol.

Em uma segunda-feira, logo após a morte de duas jovens na lagoa, um grupo de pessoas reuniu-se e abriu um canal de escoamento da água em direção ao Rio Pirajuçara. Olival – o Tio Jacu” – foi outro importante participante da construção do campo. Ele mora no bairro desde 1953, e assim que chegou ao local começou a se envolver com o futebol da região. Tio Jacu lembrou que o terreno do campo era tomado pela vegetação e pela água e, para abri-lo, foi preciso fazer “tudo na mão, apenas com o uso da enxada e da foice”, ressaltou.

Jorge teve a iniciativa de entrar com um processo na prefeitura para solicitar a legalização da transformação do terreno em um campo. De acordo com o mesmo, ninguém acreditava que isso poderia acontecer, visto que naquela época a prefeitura era regionalizada. Jorge, por intermédio de um amigo que lá trabalhava (chamado Ivo), obteve as informações necessárias para dar início ao processo. O parecer positivo veio no final do ano de 1968, já com a documentação do campo do Jardim das Palmas, o qual se tornou, anos mais tarde, parte do Clube da Comunidade (CDC) Cleuza Bueno.

No mesmo período de tais trâmites burocráticos, Jorge jogava no campo do Palmeirinha, na região de Santo Amaro. No local também jogava José Maria Marin, atual presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O interlocutor pediu a ele para que fizesse um campo no terreno da lagoa, logo, um dia após o pedido, já havia máquinas trabalhando no local. No entanto, somente uma parte foi aterrada, fazendo com que o terreno parecesse uma ladeira. Um amigo de Jorge (conhecido como Oliveira) providenciou alguns caminhões de areia, e a partir disso foi possível aterrar todo o terreno.

O primeiro vestiário construído ao redor do campo era de madeira. Além disso, era preciso fazer uma série de sacrifícios em prol da manutenção do local, como buscar água limpa em poços artesianos. Por conta dessas dificuldades, Jorge possui um afeto enorme pelo campo. Ele fez questão de recordar das muitas pessoas que ali morreram, e das que derramaram seu suor para a construção do espaço próprio do time Jardim das Palmas.

O interlocutor ainda mora no Jardim das Palmas, tendo chegado ao bairro no ano de 1956 (antes morou na região do Caxingui). Apesar de sua ligação com Pernambuco, seu registro de nascimento foi emitido em Mato Grosso, na cidade de Campo Grande. Por ter passado por diferentes lugares ao longo da vida, ele enfatizou que a sua maior identidade é “ser brasileiro”.

De acordo com a perspectiva de Jorge, o atual cenário do futebol de várzea paulistano é muito mais democrático. Antigamente era comum jogar “fora de casa” e não ser bem recebido pelos times adversários. Por conta da falta de hospitalidade, o interlocutor confessou que a sua equipe assistia passivamente as provocações. Aproximadamente cinquenta pessoas (homens, mulheres e crianças), além dos jogadores, compareciam aos jogos do Jardim das Palmas. Tio Jacu salientou que sempre ia aos jogos em companhia de seu pai e de sua esposa. As partidas eram repletas de brigas: enquanto a bola rolava em campo, quem estava fora se encarregava de defender os jogadores que atuavam. Logo, se houvesse um roubo ou um lance duvidoso, a confusão estava formada.

Jorge comentou que o juiz sempre era a favor do time da casa: “quando se vai ao campo adversário, ‘o ladrão’ está lá te esperando”. Ele ainda recordou que as brigas “eram na mão”, com pedaços de pau, tijolo e até cabos de pás e enxadas que ficavam guardadas nos caminhões que transportavam o time. O que era mais importante nessa época era vencer e ganhar o troféu. Caso o troféu fosse de pequeno valor, os jogadores faziam desfeita amassando-o debaixo da roda do caminhão. Tio Jacu afirmou que, depois disso, “o duro era sair da vila dos caras”.

“Nosso time era muito bom, ganhava com juiz a favor do adversário e tudo mais”, ponderou Jorge, que acrescentou que a equipe certa vez ganhou 99 partidas seguidas jogando somente “fora de casa”. Nessa época, vestir a camisa da agremiação era um modo de honrá-la e de jogar bola de forma séria. O entrevistado considera que o “amor à camisa” não existe mais: “é só

brincar de bola, ganhar ou perder, tanto faz”.

Para Joe, atual presidente do time, o futebol varzeano e até mesmo o profissional tinham muitos exemplos de “amor à camisa” até o começo da década de 1990. O fator decisivo para a mudança de postura dos jogadores foi a economia da época. Durante o momento de crise, os produtos para a prática do futebol eram escassos e difíceis de serem adquiridos. Com o fim da crise e certa prosperidade econômica, muitos jogadores e empresas passaram a ajudar certos times, fornecendo uniformes, por exemplo. O lado negativo desse bom momento econômico do país foi a inversão de valores no futebol: o dinheiro e os altos salários resultaram na falta de empenho de muitos jogadores ao atuarem por determinados clubes.

Ainda é difícil manter um time de várzea, contudo, é possível obter uma renda que garanta a sua sobrevivência. Os interlocutores disseram que parte dos auxílios recebidos pelo Jardim das Palmas provem das taxas pagas pelos jogadores veteranos, das vendas de uniformes e rifas, das contribuições de torcedores e das empresas patrocinadoras. Além disso, há ajudas esporádicas, como a disponibilidade de um ônibus que leva os torcedores aos estádios para torcerem pelo time nas finais de campeonatos.

O Jardim das Palmas é tido como um time democrático. A diretoria da agremiação já sofreu inúmeras mudanças, no entanto, Jorge sempre esteve à frente da mesma. Por conta de sua intensa ligação com o time, ele seleciona pessoas interessadas em trabalhar em prol do futebol como uma família, através de discussões abertas e consenso. Por conta desses princípios, Tio Jacu e seu irmão Aníbal, além de seus netos, fazem parte do Jardim das Palmas.

O atual quadro da diretoria é composto por dez membros: presidente (com vigência até 2014); vice-presidente; primeiro e segundo tesoureiro e secretário; presidente e vice-presidente do conselho fiscal. No contato entre as antigas e as novas gerações do time surgem múltiplas diferenças, todavia, há o predomínio do respeito.

O Jardim das Palmas é composto por três categorias: Paradão (para jogadores acima de 45 anos de idade); Veteranos (acima de 35 anos de idade); e Esporte, a principal equipe do time. Todas as categorias jogam aos domingos, das 7h30min às 14 horas.

A agremiação tem a maior torcida dos três times que atuam no CDC

Cleuza Bueno (em torno de três mil torcedores). Ela possui, inclusive, uma torcida organizada de várzea, chamada Comando, a qual é regida por estatuto e conta com uma sede e uma bateria¹. O time em questão está sempre presente em grandes campeonatos. Entretanto, Joe relatou que é difícil manter a participação em copas devido ao custo financeiro exigido. Ele entende que os recursos gastos com eventos poderiam ser investidos no próprio time, em ações com a comunidade e com o CDC.

Uma das principais competições disputadas pelo Jardim das Palmas é a Copa Kaiser. Neste torneio, o time já participou das oitavas e das quartas de final. Na edição de 2012, por exemplo, a equipe permaneceu na disputa por quatro meses, período em que gastou o montante de R\$19 mil em um evento que não rendeu nenhum outro prêmio além do título e do troféu de campeão. Outros campeonatos disputados pelo time são: Copa Jardim das Palmas; Copa Cleuza Bueno; e demais festivais de futebol de várzea.

Os interlocutores atribuíram uma enorme importância ao trabalho feito pelo time Jardim das Palmas em prol da comunidade local. São realizadas festas para as crianças, há uma escolinha de futebol, jogos tradicionais entre os moradores (como a partida “casados contra solteiros”, ou o famoso “jogo das saias”), e demais eventos. Juntamente com a Torcida Organizada Comando, o time promove um importante trabalho social para a comunidade, como a execução de ações contra o uso de drogas e em prol da prática do futebol e de outros esportes. Na visão de Joe, essas iniciativas demonstram o lado bom do futebol varzeano. Para ele, o futebol profissional também deveria exercer um papel social, já que conta com muito mais benefícios e recursos.

¹ A Torcida Organizada Comando é caracterizada pela presença de um estatuto que a regula, de uma diretoria e de uma bateria. Existem outras torcidas referentes à times de várzea em São Paulo, que também se caracterizam por ostentar bandeiras, instrumentos e demais artefatos nos jogos. Dentre elas, destacam-se as torcidas do Ajax da Vila Rica e do Botafogo de Guaianases.